

VILÉM FLUSSER Scribere necesse est vivere non est.

De fato: escrever e navegar são gestos semelhantes. São gestos de traçar sobre superfície vazia. Gestos necessários, embora livres. Tal contradição dialéctica caracteriza gestos e os distingue dos demais movimentos. Gestos são movimentos que não podem ser explicados satisfatoriamente como resultantes de vetores que incidem do exterior sobre o corpo em movimento. Quem visa explicar gestos deve pressupor tensão interna no corpo gesticulante. O gesto é exteriorização de tal interioridade. A dialéctica do gesto humano é exteriorização da dialéctica da interioridade humana. Vista objetivamente, tal interioridade é determinada, (com efeito: superdeterminada,) por fatores como influências fisiológicas, ~~biológicas~~ psicológicas, económicas, sociais, culturais e outras. Vista subjetivamente, tal interioridade se assume inteiramente livre. A contradição entre determinação total e liberdade total se articula no gesto. Todo gesto é pois totalmente necessário e totalmente livre.

Nos o título do presente ensaio, (variação de um lema dos navegadores), afirma mais que isto. Afirma que o gesto de escrever é mais necessário que viver, e que, se houver conflito entre os dois, o escrever exige sacrifício de vida. Afirmação radical esta, mas merecedora de exame. Porque concorda com a experiência concreta dos que escrevem, inclusive com a experiência de quem escreve o presente artigo. Um método para examinar a afirmativa é a observação de textos escritos, outro é a observação fenomenológica do próprio gesto. O primeiro método procurará descobrir o gesto do escrever por detrás do texto escrito. O segundo procurará surpreender a interioridade de quem está escrevendo no próprio instante de gesto. A desvantagem do segundo método é ser ele introspectivo, portanto dificilmente controlável. A sua vantagem é ser ele mais imediato que o primeiro. O presente artigo recorrerá ao segundo método para examinar a afirmativa que escrever é mais necessário que a vida.

Escrever é o gesto de traçar linhas sobre superfície dada, ou bater teclas de uma máquina que faz aparecer linhas sobre superfície dada. É pois gesto que recorre a ferramenta, (máquina, caneta), e resulta em modificação de um objeto dado, (folha de papel). As linhas são traçadas em obediência a determinadas regras e visam determinado meta. (As regras e a meta serão examinados mais tarde neste artigo.) Tal descrição do gesto mostra que "escrever" pertence à classe de gestos chamados "trabalho". Quem escreve é operário, trabalhador, técnico, artesão, artista. O gesto do escrever é parte da vida ativa, do "biós politikós" que Platão opõe ao "biós oikonomikós" de um lado, e ao "biós theoretikós" do outro. Escrever é "techné".

No entanto: o técnico que traça linhas, (o "escrevente"), é articulação de uma interioridade, (o "escritor"), que responde pelo "escrevente". O "escritor" não é entidade mítica que se esconde na sombra do "escrevente", mas é uma atitude do "escrevente" perante o seu trabalho. Trata-se, no presente artigo, de surpreender tal atitude. O método introspectivo revela em mim três atitudes distintas. Dentro de mim se "escondem três escritores". Mas devo con

VILÉM FLUSSER

fessar imediatamente que posso fazer tal distinção apenas quando tomo distância do meu gesto de escrever, e não durante a vivência concreta do gesto. Durante a vivência mesma nada distingo, porque estou imerso nela. No entanto e simultaneamente sei que me observo por cima do meu ombro enquanto escrevo, e que tal observação distanciada influi constantemente no meu gesto. É que às costas do "escritor" está sempre o "crítico", e o "escrevente" é articulação de ambos. Com tal reserva um tanto confusa passo a descrever as três atitudes

(a) Traço linhas na folha afim que espelhem a estrutura dos meus pensamentos. Sei que não podem fazê-lo imediatamente. Os meus pensamentos dever passar pelo crivo de uma determinada língua falada antes de se espelharem na escrita. A língua é pois mediação entre pensamento e escrita. Mas mediação com retro-alimentação complexa. Os pensamentos se modificam quando inseridos na estrutura da língua, e a língua se modifica quando procura captar os pensamentos. E, em grau menor, a escrita se adapta à estrutura da língua, e a língua se adapta à escrita. Se assumo tal atitude de "escritor", a minha tarefa enquanto "escrevente" será dupla: manipular a língua para que capte meus pensamentos, e manipular a escrita afim que capte a língua. Terei duas matérias primas a serem trabalhadas, uma superposta à outra. E trabalharei tais matérias primas pelas regras do jogo da língua e da escrita.

Minha meta será a de revelar ao leitor do texto que assim surge a estrutura dos meus pensamentos, portanto a estrutura da minha interioridade. (Tal leitor pode ser meu outro, ou eu próprio transformado em meu outro.) O texto será mediação entre mim e meu outro. Sob tal atitude o gesto de escrever é gesto que procura o outro. Sei, obviamente, que o texto é público, isto é: articulação pública de minha interioridade anteriormente privada. Mas não visio a publicidade. Visio a particularidade do meu outro. O espaço público é para mim canal entre a minha particularidade e a particularidade do meu outro. Visio ser reconhecido pelo meu outro na minha íntima particularidade. Visio "estar-com-ele", (Mitsein). Se meu outro "lêr meu texto", isto é: decifrar minha escrita para descobrir nela a estrutura da minha interioridade, estarei com ele. Poderemos doravante viver juntos. Meu texto será para meu outro "modelo subjetivo", isto é: depoimento modelar da minha subjetividade. Meu outro poderá utilizar ou não tal modelo na sua vida, ou poderá modificar o modelo. Estaremos dialogando. Meu íntimo dialogará com meu outro no íntimo do meu outro.

Tal atitude de "escritor" poderia chamar-se "poética", se por "poiesis" quisermos entender revelação de algo anteriormente velado. Sob tal atitude trabalharei língua e escrita afim que possa revelar ao meu outro algo velado no meu íntimo, e não importa se meu íntimo se revelará particularmente meu, ou ligado com raízes profundas com algo mais amplo. No gesto concreto do escrever o que revelarei terá sido anteriormente meu. O que visio é que tal revelação, (depoimento, confissão), sirva ao meu outro. Que meu outro

VILÉM FLUSSER

possa viver comigo graças ao texto. Por isto Rilke chama tais textos imperativos: "Du musst dein Leben aendern!" (Deves modificar tua vida!) Escrever assim é mais necessário que viver, porque não posso viver sem meu outro.

(b) Traço linhas na folha afim que espelhem a estrutura do conteúdo dos meus pensamentos, do meu "pensado". Afim que espelhem a intenção dos meus pensamentos, isto é: problemas. Minha escrita deve espelhar a estrutura dos meus problemas, dos objetos que barram meu caminho. Sei que não pode fazê-lo imediatamente. Os objetos devem passar pelo crivo de uma determinada língua falada antes de se espelharem na escrita. A língua é pois mediação entre objeto e escrita. Mediação com retro-alimentação complexa. O objeto se modifica quando inserido na estrutura da língua, e a língua se modifica quando procura captar o objeto. Se assumo tal atitude de "escritor", minha tarefa enquanto "escrevente" será a de manipular a língua para que capte os objetos. A língua será minha matéria prima, e o objeto será o fundamento a ser transposto na matéria prima trabalhada. E trabalharei a língua pelas regras do jôgo da língua, e pelas regras impostas sôbre mim pelo objeto.

Minha meta será a de revelar ao leitor do texto alguns aspectos do objecto. Faço-o, não por estar interessado no leitor, mas por estar interessado na solução do problema posto pelo objeto. Objetos se revelam progressivamente, na medida na qual vão sendo articulados. Revelam-se durante o processo discursivo do conhecimento. O texto que surgirá sob tal atitude de "escritor" será elo na cadeia do discurso público em torno de objetos. Sei, óbviamente, que o texto é publicação de algo que anteriormente estava na minha interioridade privada, (nos meus pensamentos), e que será lido por leitores particulares. Mas os espaços privados necessariamente envolvidos no processo da publicação do texto são desprezíveis. Viso a publicidade. O espaço público é para mim represa que recolhe e elabora influências privadas. Meu texto será doravante parte da dinâmica de tal represa. Será discutido, rejeitado, aceito ou adaptado. Será um dentre os modelos objetivos publicamente disponíveis para o conhecimento e a manipulação de problemas. Fará parte da cultura, daquele processo pelo qual a humanidade se opõe ao dado.

Tal atitude de "escritor" poderia chamar-se "científica", se por "ciência" quizermos entender o processo cumulativo de resolver problemas. Sob tal atitude trabalharei língua e escrita afim de descobrir nos objetos de nossa circunstância aspectos até então ignorados. O que viso é contribuir para a dignidade humana, que é opôr o espírito ao dado. E tal oposição é tarefa coletiva. Se não participar dela, não terei vivido dignamente. Escrever assim é mais necessário que viver, porque não posso viver se não procurar, junto com os que estão aqui comigo, conhecer e portanto dar sentido ao mundo dentro do qual me encontro.

(c) A introspecção me mostra tais "dois escritores" dentro da minha interioridade. Mas mostra também que, quanto mais escrevo, tanto menos consigo manter as duas atitudes. Estão, ambas, falhando. Por razões que estão

VILÉM FLUSSER

aparecendo sempre mais claramente. Tais razões não se mostravam claramente durante a minha atividade "escrevente", porque o gesto do escrever se força va sôbre mim com excessiva imperiosidade. Assumia a atitude de depoimento por excessiva pressão da minha interioridade que exigia articulação em direção do meu outro. E assumia a atitude descritiva e explicativa por excessiva opressão pelos problemas que me cercam. Hoje começo a compreender porque, enquanto escritor, estou falhando. Mas como escrever é mais necessário que viver, estou procurando assumir terceira atitude.

Falhei na atitude de depoimento ou confissão, porque não é possível fazer espelhar escrita a estrutura dos meus pensamentos. Meus pensamentos pensam algo, e é o pensado por eles que lhes impõe a estrutura. E meus pensamentos se articulam linguisticamente, sob pena de não serem pensamentos, e é a estrutura da língua que lhes impõe a estrutura. De modo que, a rigor, o depoimento, a revelação do íntimo, a auto-articulação, é um mito. A análise de não importa que texto aparentemente subjetivo revelará o fundo "ideológico", (isto é: coletivo), não como fundamento comum a todos os sujeitos, mas como convênio comum externo imposto sôbre toda tentativa de articular subjetividades. O que tais textos revelam, quando decifrados, é o contexto do texto muito mais que alguma interioridade velada. E tal revelação da análise de textos disponíveis é confirmada pela minha própria análise introspectiva. Perdi a ingenuidade de poder crêr que quando escrevo sob a atitude subjetiva sou como que um instrumento para uma articulação que por mim se formula. Sei que estou radicalizando. Sei que o gesto do escrever revela por vezes algo profundamente escondido na interioridade. E sinto a vertigem que acompanha o escrever sob tal atitude. Mas sujeitar-se a tal experiência depois de perdida a ingenuidade não me parece ser atitude honesta.

Falhei na atitude de escritor descritivo ou explicativo, porque não é possível fazer espelhar na escrita a estrutura do objeto sem que ela passe pelo crivo da minha subjetividade. É verdade que posso, ao descrever e explicar problemas, procurar "suspender-me" totalmente. (Tal esquecimento deliberado de si próprio por parte do escritor é fenômeno distinto do esquecimento espontâneo de si próprio que acompanha toda verdadeira escrita.) Isto é verdade. Mas não é menos verdade que se quero "permitir que o fenômeno fale", devo dar-lhe a minha palavra. A rigor, a objetividade é um mito, e posso vivenciar isto concretamente quando me esforço por ser objetivo. O próprio esforço mostra o quanto a objetividade é atitude deliberada, e contrária ao meu concreto estar-no-mundo. Pois se é deliberada, necessariamente manipula o fenômeno a ser descrito e explicado. Com efeito: transforma o fenômeno justamente em objeto. Objetiva, isto é: falsifica deliberadamente o fenômeno a ser descrito. Depois de perdida a minha ingenuidade com relação a atitude objetiva no gesto do escrever, não mais posso assumi-la honestamente. Embora a admita como atitude válida para outros.

VILÉM FLUSSER

A crise na qual me encontro enquanto "escritor" pode ser assim formulada: não mais posso assumir a atitude "subjéctiva" de ser instrumento de algo que por mim se articula; nem posso assumir a atitude "objectiva" de pairar em uma espécie de transcendência por cima dos problemas descritos e por cima da língua enquanto escrevo. Em suma: nem sou dominado pelo gesto de escrever, nem o domino. Não posso fazer nem "escrita automática", nem posso "tirar o corpo" enquanto escrevo. Ou, mais exactamente: posso assumir as duas atitudes, mas ambas me aprecem agora serem desonestas.

Pois estou começando a aprender, a duras penas, terceira atitude: traçar linhas na folha afim que espelhem o próprio gesto do escrever em tóda a sua complexidade. Isto exige que me dê conta da carga do gesto. É um gesto de adequação do pensamento ao objecto. É o gesto da adequação do pensamento à língua. É o gesto da adequação da língua ao objecto. É o gesto da adequação da escrita à língua. É o gesto da adequação da minha interioridade à interioridade do meu outro. É o gesto da publicação do privado. Tudo isto, e mais, posso distinguir nesse gesto extremamente complexo. O que não posso distinguir nele, no entanto, é o sujeito e o objecto do gesto. Ambos, o sujeito enquanto fundamento do "escritor" e o objecto enquanto fundamento do texto, estão no além do horizonte do ~~texto~~ gesto. O "escritor" não é o sujeito do gesto, mas é a dinâmica do gesto e está imerso nele. E o texto não é o objecto do gesto, mas é a sua manifestação e está imerso nele. O "escritor" só existe em função do texto, e fóra de tal função é mere projecção extrapolarizante. O texto é como o "escritor" se manifesta na sua praxis de "escrevente". Pois se assumo tal atitude, minha tarefa enquanto "escrevente" será a de executar o gesto de escrever o mais perfeitamente possível. Fazer "caligrafia" num significado que talvez o termo tem na China: traçar linhas belas e claras que articulem língua bela e clara que articule pensamentos belos e claros nos quais se articulam os objectos pensados, e fazer isto afim que os meus outros possam lêr tudo isto.

O critério do sucesso ou não do texto assim elaborado será o seguinte: quanto mais espelhar meus pensamentos, tanto mais espelhará os objectos pensados, e quanto mais espelhar a minha interioridade, tanto mais espelhará o mundo no qual me encontro. Com efeito: o texto deve ser revelação do fenómeno concreto do gesto de escrever, o qual é articulação do meu concreto estar-no-mundo. E já que estou no mundo junto com meus outros, deve ser também e espontâneamente, articulação de um aspecto do concreto estar-no-mundo dos meus outros. Como tal deve ser lido por meus outros. Não pois como modelo subjéctivo meu, nem como modelo objectivo do mundo, mas como modelo intersubjéctivo do nosso estarmos-juntos-no-mundo.

É perfeitamente possível, é até provável, que a atitude aqui descrita caracteriza tódos os verdadeiros "escritores". Dos que perderam a ingenuidade da "inspiração" e da "objectividade" e estão se dando conta que es-

VILÉM FLUSSER

crever exige engajamento disciplinado no próprio gesto. No entanto, embora isto seja provavelmente o caso, os textos disponíveis não revelam claramente tal atitude. Oscilam todos entre o horizonte da subjetividade e o da objetividade. A atitude aqui descrita, que pode chamar-se a "fenomenológica" se por "fenomenologia" quisermos entender o método de conceder a palavra ao fenômeno concreto, transparece apenas nos textos muito "grandes". É que há abismo profundo entre a atitude do "escritor" e a praxis do "escrevente", e apenas os grandes conseguem transpô-lo. Não me iludo quanto a isto.

Escrever assim, ou pelo menos tentar escrever assim, é mais necessário que viver, porque não posso viver sem buscar a imortalidade. Pois o gesto do escrever, sob tal atitude, é um gesto de busca de imortalidade. Porque é gesto que visa articular meu estar-no-mundo para quem está aqui comigo e portanto transcender o estar-no-mundo pelo estarmos-juntos-no-mundo. Tal transcendência é a imortalidade do escritor, e me parece óbvio que vale, se necessário fôr, sacrificar a vida para alcançá-la. O problema não é o sacrifício da vida, mas a dificuldade da tarefa. Vivere non est necesse, scribere est.